

## OS VERSOS IRÔNICOS DE HELENO GODOY: O OLHAR DISSONANTE DO ESTRANGEIRO

Claudine Faleiro Gill<sup>1</sup>  
José Geraldo da Silva<sup>2</sup>  
Ruth Aparecida Viana da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** O poeta goiano Heleno Godoy, em *Lugar comum* e outros poemas, dedica uma série de poemas à cidade de Tulsa, Oklahoma, onde morou para realizar seus estudos de mestrado. O registro de suas impressões da cidade, semelhante ao relato de viagem, é dissonante do olhar do viajante deslumbrado, pois o tom irônico é que rege as críticas à classe média arrogante ou à marginalização de índios, por exemplo.

*Esta cidade pode existir  
para seus habitantes. Para  
mim, continua apenas  
pintura na distância e fria,  
a ser lembrada em outra  
época, uma ausência a fazer  
existirem outras, cor que  
clama por outras e exige mais.*

Heleno Godoy, "Tulsa, Oklahoma 1"

Heleno Godoy nasceu em Goiatuba, Goiás, em 1946, e começou seu percurso poético sob o signo da Poesia Práxis, publicando o livro *Os veículos*, em 1968<sup>4</sup>. Desde então, publicou nove livros de poesia, sendo que *O livro dos pergaminhos* (1987-2001), *Dois urubus (Um dia, sob uma chuva)* (2004-2006) e *A árvore de sombra amarela* (2013 - 2015) foram publicados em seu *Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos* (2015), obra que celebra os cinquenta anos de atividade poética de Godoy. Sua obra contabiliza ainda quatro títulos dedicados à prosa, sendo eles: *As lesmas* (1969), *Relações* (1981), *O amante de Londres* (1996) e *A feia da tarde e outros contos* (1999). De sua obra poética, destacamos *A casa*, de 1992, livro em que percebemos a tendência do poeta para falar de coisas, um dos elementos caracterizadores de sua poética; *Lugar comum e outros poemas*, livro publicado em 2005, em que Luiz Costa Lima (2006) percebe uma "sombra cabralina" e ainda um diálogo com o tom irônico dos versos drummondianos; e, *Dois urubus (Um dia, sob uma chuva)* em que o poeta propõe a leitura de um romance em verso contemporâneo, resgatando o gênero da poesia vitoriana.

De modo geral, a poesia de Heleno Godoy é marcada por uma tentativa de apagamento dos elementos pessoais, remetendo a uma tradição poética na qual se inserem poetas como Marianne Moore e João Cabral de Melo Neto. No entanto, em seu percurso poético, Godoy

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Trindade, Goiás, Brasil. E-mail: [claudine.gill@ifgoiano.edu.br](mailto:claudine.gill@ifgoiano.edu.br).

<sup>2</sup> Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Trindade, Goiás, Brasil. E-mail: [geraldo.viana@ifgoiano.edu.br](mailto:geraldo.viana@ifgoiano.edu.br).

<sup>3</sup> Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Trindade, Goiás, Brasil. E-mail: [ruth.viana@ifgoiano.edu.br](mailto:ruth.viana@ifgoiano.edu.br).

<sup>4</sup> Para as citações dos poemas de Heleno Godoy, utilizaremos como referência a antologia *Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos*, publicada em 2015. Como faremos uma leitura extensiva de sua obra, para os comentários sobre os livros avulsos, indicaremos entre parênteses os anos das publicações originais.

abriu espaço em *Lugar comum e outros poemas*<sup>5</sup> (2005) para uma poesia mais pessoal, em que a matéria biográfica e a memória são colocadas em evidência. É interessante pensar o modo como um poeta, que nega a poesia como expressão dos sentimentos e da memória pessoal, converte a vivência pessoal em matéria de poesia. Em sua obra não são recorrentes poemas vazados em um discurso reconhecivelmente memorialístico com o relevo do livro de 2005.

*Lugar comum* (2005) apresenta ao leitor poemas autobiográficos, fundados na memória. Tema lírico por excelência, a memória foi reconfigurada pelos poetas modernos. E é por esse viés que Heleno Godoy convoca a matéria pretérita para seus versos, isto é, de modo crítico, por vezes marcada pela ironia ou pelo humor. Esse viés de leitura levou Luiz Costa Lima, em resenha publicada no jornal Folha de São Paulo, em 2006, a perceber um claro diálogo da poesia godoyana com a do maior ironista da poesia brasileira, Carlos Drummond de Andrade. A análise do crítico é mais detida nos apontamentos sobre o distanciamento entre o modo como Heleno Godoy lida com o passado em comparação à maneira do poeta itabirano. Consoante Costa Lima (2006), a distância percorre várias trilhas, sendo o tom prosaico dos versos a primeira delas. Outro aspecto divergente seria o *status* dado à memória. Enquanto para Drummond a memória é nobre e condensada no círculo familiar, o que a intensifica, para Godoy, o passado é retomado a partir de restos e caracteriza-se pela dispersão, o que contribui para a dessublimação do conteúdo memorialístico. Nos poemas comentados a seguir, veremos como Heleno Godoy rememora sua experiência de estrangeiro não a partir de relações afetivas, e sim de conflitos com estranhos. Essa dessublimação é reforçada pelo tom irônicos de suas observações.

Herdeiro de uma tradição literária moderna, Heleno Godoy serve-se da ironia na perspectiva que ela assume a partir do Romantismo, isto é, crítica, questionadora dos valores vigentes. Nesse sentido, a ironia romântica ou moderna torna-se “arma para ferir os valores oficiais do mundo burguês” (ROSENFELD & GUINSBURG, 1993, p. 286) quando o poeta volta-se para o plano social e mundano. Essa natureza reflexiva também está presente quando a mirada crítica do poeta volta-se para o próprio texto, para a literatura e para o próprio artista e seu lugar nessa sociedade. Heleno Godoy em diálogo com essa tradição moderna, percebe-se na mesma situação do artista romântico em relação à sociedade: à margem, é um pária social. Diante desse desajuste com o mundo, ele toma consciência de seu lugar social e lança seu olhar crítico para esse contexto e problematiza a situação da arte e do artista. Neste artigo, nos deteremos à análise da ironia voltada para o mundo e seus valores estabelecidos.

Em *Lugar comum*, Godoy dedica uma série de poemas à cidade de Tulsa, Oklahoma, onde morou para realizar seus estudos de mestrado. Como observa Solange Yokozawa (2015, p. XXI), o registro de suas impressões da cidade, semelhante ao relato de viagem, é dissonante do olhar do turista fascinado, pois revela uma “postura avessa ao provincianismo do viajante deslumbrado”. Assim, em seu diário de viagem poético, está impressa a ironia com que observa o mundo ao seu redor. Desse modo, Heleno Godoy não registra os encantos da terra de Tio Sam, mas sim as incongruências daquela sociedade, não raro tecendo críticas ao sistema capitalista. São quatorze poemas sobre Tulsa, nos quais o poeta reconfigura, em chave lírica, o gênero diário de viagem, permeado por crítica social.

No poema que abre a série, “Tulsa, Oklahoma 1”, do qual retiramos o fragmento que serve de epígrafe a este artigo, o poeta apresenta ao leitor seu ponto de vista sobre a cidade norte-americana: “Esta cidade inexistente / e me assombra.” (GODOY, 2015, p. 169). Sob o prisma do estranhamento do estrangeiro, o leitor acessará o diário lírico de viagem do poeta goiano.

Uma das críticas desta série é a marginalização dos povos indígenas norte-americanos, consequência da colonização daquelas terras e, posteriormente, do sistema capitalista.

---

<sup>5</sup> Doravante *Lugar comum*.

Dizimados pelo homem branco, hoje têm sua voz silenciada, como denuncia o poema “Tulsa, Oklahoma 6”, transcrito a seguir:

Era um território de índios.<sup>6</sup>  
Aqui estavam, aqui dizem  
que viveram.

Os brancos trouxeram o gado,  
acharam petróleo. Impuseram  
a religião, introduziram o *whiskey*.  
Promoveram corridas pelas terras  
e ainda furam poços de petróleo.  
Fazem pastar o gado, pavimentam  
estradas, erguem barragens, casas,  
museus, bibliotecas, universidades.  
E ainda acham mais petróleo!

O que fizeram com os índios?  
Nunca os vejo por aqui.

Não, minto. Vi um, uma vez.  
Caído de bêbado, dormindo  
na rua, perto de um daqueles  
grandes *shoppings centers*.  
(GODOY, 2015, p. 174 – 175)

Em tom narrativo, a voz lírica conta ao leitor a história da cidade, ou melhor, a história que lhe contaram sobre a cidade pela perspectiva do conquistador, cujo verbo “Era”, no verso “Era um território de índios”, endossa que os habitantes já não são mais os de outrora. Ou, como veremos na segunda estrofe, o branco explorador. Ao longo das quatro estrofes, a voz lírica questiona essa narrativa. A expressão “dizem que” presente no segundo verso prenuncia o apagamento dos nativos: “dizem / que aqui viveram”, isto é, não há mais indícios dos povos indígenas, que foram aniquilação em nome do lucro.

A segunda estrofe é dedicada ao “progresso” trazido pelo explorador. Isolada, aparentemente trata de avanços positivos. Quando lida pelo viés crítico proposto pelo poema, percebemos que é, na verdade, a justificativa para o desaparecimento dos índios. Esse foi o custo do desenvolvimento.

O tom indagativo da terceira estrofe e seu isolamento das demais estrofes provoca um obstáculo à leitura do poema, o que força o leitor a refletir sobre os lugares das personagens da história contada pelo sujeito lírico. Esse isolamento provoca certa angústia diante da afirmação do verso quatorze e o cenário exposto na estrofe anterior.

O décimo quinto verso ameniza, parcialmente, essa angústia, pois o sujeito lírico evoca uma memória que minimiza o peso dramático do poema. No entanto, os três versos que fecham o poema, aniquilam esse alívio mínimo. Eles sintetizam o apagamento e a marginalização do indígena ao relativizá-los, por contraste, à grandeza e relevância social do *shopping center*, símbolo máximo do consumismo, do fetiche da mercadoria, valores do sistema capitalista e fortemente criticados pelo marxismo.

---

<sup>6</sup> Os versos foram numerados para facilitar as referências a eles durante os comentários críticos.

É um olhar crítico, permeado pela ironia, que serve para desestabilizar valores estabelecidos, atitude típica do poeta moderno. Heleno Godoy serve-se de sua poesia para lutar contra os efeitos nocivos do capitalismo sobre o homem, sobre a cultura. Segundo Alfredo Bosi (1997, p. 192), “projetando na consciência do leitor imagens do mundo e do homem muito mais vivas e reais do que as forjadas pelas ideologias, o poema acende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela”. Nesse sentido, o poeta impregna seus versos de uma carga irônica para retratar a reificação e alienação do homem de nosso tempo.

Em “Tulsa, Oklahoma 7”, o poeta volta seu olhar para aqueles que habitam aquela terra:

1. No inverno, como no verão, a casa  
em frente à minha mantém suas poucas  
janelas vedadas com plástico.

Preguiça, ou muito calor ou muito frio.

Proteção contra um vento cortante,  
o perigo da *hay fever*, póis e poléns  
aéreos, plantas alérgicas, como a *ragweed*?

Não vejo nunca o dono da casa. Vejo dela  
a dona e sua cachorra, Brenda, sempre  
vestida de lã no inverno e protegida.

Lá de dentro sai sempre a mulher:  
às vezes chama por Brenda, às vezes  
grita implicada com os carros parados  
em frente à casa, na rua, que ela crê  
propriedade sua, embora seja pública.

Ela reclama e chama a polícia. Será  
que por serem os donos dos carros  
uns árabes ou uns iranianos ou outros?  
Por serem quase todos estrangeiros?

A polícia, americana como a mulher  
que reclama, contemporiza e argumenta.

Qualquer um, para triunfo dela,  
seu carro afasta e em outro lugar  
o estaciona, deixando-lhe livre  
o espaço em frente. Para ela e Brenda.  
(GODOY, 2015, p. 175)

A voz lírica apresenta-se como observadora do cotidiano da cidade. Do exercício analítico do bairro residencial, tenta desvendar seus vizinhos: seriam preguiçosos ou precavidos, não se sabe ao certo. A dona da casa é apresentada de modo quase caricato: anônima e dona da cachorra Brenda, “sempre vestida de lã no inverno e protegida”. Implicante, a dona da rua recorre à polícia sempre que há veículos estacionados em frente à sua casa. Os versos indagativos da sexta estrofe revelam o cerne do conflito: é uma disputa de território. Se “árabes ou uns iranianos ou outros?” ou “Por serem quase todos estrangeiros?”, não interessa à vizinha. Essa mulher, provavelmente descendente em algum grau dos “brancos” retratados no poema anterior, crê-se dona daquele espaço e, por isso,

coloca a polícia para cumprir sua função, isto é, restabelecer a ordem. No entanto, ironia a voz lírica ao destacar que mulher e polícia estão do mesmo lado nessa disputa (verso 20), logo não há neutralidade desta instituição. A quem ela protege?

A última estrofe concentra a crítica do poema, isto é, a denúncia da arrogância da classe média norte-americana, que, depois do extermínio dos povos indígenas nativos, acredita ser dona da terra conquistada, a ponto de praticarem política contra os imigrantes que buscam melhores condições de vida na terra do tio Sam.

Ambos os poemas comentados tratam do estrangeiro, no entanto, ocupando lugares sociais diferentes. No primeiro, é o explorador que bane os nativos em nome do desenvolvimento econômico e, no segundo, o estrangeiro é banido pelo norte-americano (que já foi estrangeiro um dia e hoje acredita-se nativo, dono da terra).

O poeta, que também é um estrangeiro, retrata sua experiência por um viés irônico, sem o deslumbre do viajante, como dissemos anteriormente. Desse modo, consegue observar além das aparências vendidas em propagandas que alimentam o sonho da terra das oportunidades. Assim, convida seu leitor a questionar com ele: oportunidade para quem? Uma voz de resistência, pelo viés do colonizado, que continua se fazendo ouvir?

### Referências

BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: \_\_\_\_\_. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 139-192.

GODOY, Heleno. *Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos*. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (Org.). Goiânia: Martelo, 2015.

LIMA, Luiz Costa. A arte secreta. Caderno Mais, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 de abr. 2006.

ROSENFELD, A.; GUINSBURG, J. Um Encerramento. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 275 - 294.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. Apresentação: Itinerário pela poesia de Heleno Godoy. In: GODOY, Heleno. *Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos*. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (Org.). Goiânia: Martelo, 2015. p. IX-XXVI.